

EXPEDIENTE

Coordenação
Bruno F. Leite
Flora Sineiro

Divulgação e diagramação
Alessandra Perez
Flora Sineiro

Revisão
Profa. Rosale de M. Souza

Entrevistas
Edgar de C. Santana
Fernanda Blanco
Gabrielle do Rosário W. Correia

EDITORIAL

Caro leitor, seja bem-vindo à leitura desta 3ª edição do *Inspiração Miscelânea*. Um jornal que deseja sua contribuição e por isso inauguramos uma coluna chamada **interação com o leitor**. Este espaço será reservado a sugestões, críticas, recados de apoio ou reclamações, dentre outras mensagens que você queira deixar para nosso público leitor. Estamos também abrangendo mais temáticas e modalidades jornalísticas. Desta vez contamos com reportagens a cerca de dois eventos de grande pertinência à nossa formação no curso de Arquivologia: um texto sobre o Festival Internacional de Filmes de Arquivo - RECINE, do Arquivo Nacional, pela profa. Rosale de Mattos Souza; e outro sobre a XXI JORNADA ARQUIVÍSTICA, deste ano, promovida pela Escola de Arquivologia, da UNIRIO, elaborado pela discente Flora Sineiro. Trazemos também, um texto bastante relevante ao momento que estamos presenciando. Este texto de autoria do professor Flávio Leal, do DEPA/UNIRIO, procura discutir a importância de participarmos politicamente em questões que interferem diretamente sobre nossas vidas. Tal texto, mostra-se pertinente por estarmos em plena campanha eleitoral para nosso Diretório Acadêmico (DACAR), cuja eleição será entre os dias 17 e 19 de 2010, e ainda teremos um debate no dia 16 deste mesmo mês entre as duas chapas concorrentes. Participem!

Anunciamos que contaremos com uma entrevista realizada com o Prof. José Maria Jardim na nossa edição nº 4, a próxima. Para a realização da entrevista contamos com os colegas Edgar de C. Santana, Fernanda Blanco (Chica Blanco) e Gabrielle do Rosário W. Correia.

Como buscamos sempre a interação do leitor através do envio de textos/artigos para a construção colaborativa do nosso jornal, entendemos ser importante reproduzir nosso editorial para nortear sua colaboração. Segue:

...

1) Nosso jornal será um espaço de livre circulação de idéias e opiniões, porém estas deverão, no mínimo tangenciar a Arquivologia e/ou suas questões;

2) Toda e qualquer opinião será respeitada e devidamente publicada. Ressalvamos, contudo, que acusações ou críticas diretas devem ser fundamentadas com fatos, dados ou opiniões de outros autores. Por exemplo, textos, notícias de jornais e/ou demais registros. Não objetivamos com isso realizar censura a determinados textos/autores, buscamos apenas dar um norte aos textos e que os mesmos tenham fundamentos claros;

3) Nosso público-alvo – assim como nossos colaboradores –, serão os discentes, docentes e os formados do nosso curso;

4) Temos como objetivo manter uma linguagem leve, informativa, reflexiva, crítica, na forma de crônica, poema, matéria informativa ou opinativa.

...

Por fim, esperamos que você aprecie nossa 3ª edição do *Inspiração Miscelânea*, de forma que consigamos alcançar cada vez mais nossos objetivos: construir um jornal colaborativo e útil para nossas demandas acadêmicas.

DIRETÓRIO ACADÊMICO: O QUE EU TENHO COM ISSO?

**Por Flávio Leal*

A idéia de política está diretamente ligada à vida em sociedade, onde são estabelecidas as regras de sua organização, seus objetivos e as prioridades a serem seguidas em seu benefício. Nesse sentido, participação política implica de uma maneira muito ampla, no exercício de poder. O poder que se reveste de um grau de complexidade, cuja visibilidade deve-se cobrar de todo universitário, não é bem clara para a grande maioria de nossa sociedade.

Não conseguimos perceber que a nossa visão de mundo, e que os valores que atribuímos aos objetos, aos estilos musicais, as pessoas e as suas formas de organizações, não são práticas “NATURAIS”. Nós não nascemos adorando crucifixo, criminalizando o funk ou ignorando a importância de formarmos grupos de pressão. Esses são “valores” construídos socialmente pelo exercício dos diferentes poderes políticos.

Isso quer dizer que, conscientemente ou não, estamos sujeitos aos desdobramentos políticos, culturais e religiosos que interferem em nossas ações cotidianas, sejam elas de aceitação ou recusa sobre certos conjuntos de valores. Contudo, buscar alternativas a essas questões demanda uma grande quantidade de esforços que não podem ficar sob a responsabilidade de um ou de poucos indivíduos.

Assim, se é esse poder político que determina as condições em que nos encontramos, não me parece difícil compreender que as alterações dessas condições passem necessariamente pelo mesmo caminho, mas que por sua vez depende ainda de uma outra e primeira mudança: a do nosso comportamento!!!

É preciso que tenhamos o entendimento de que as mudanças só ocorrerão quando formos capazes de construir uma consciência coletiva sobre os problemas que nos atingem e que só coletivamente seremos capazes de alterar esta “ordem”, que impõe como natural os valores que representam à visão de uma pequena, mas organizada parcela de nossa sociedade.

Pensarmos em “nossos próprios umbigos” não é sinal de “força de vontade individual”, mas sim “fraqueza política coletiva”. É um erro!!! É uma ignorância que se naturaliza cada dia mais.

É da conquista dessa consciência coletiva que nos aproximamos dos outros e os outros de nós. Nos aproximamos daqueles cujos objetivos são iguais ou mais próximos dos nossos. Isso não significa que ao fazermos parte de um grupo para resolver um dado problema coletivo, devamos concordar com todas as necessidades ou desejos dos membros que formam esse ou aquele grupo. Pode ser que existam, no interior desses grupos, outros indivíduos que compartilhem conosco de outros problemas, mas isso não deve ser visto como regra.

Além disso, o fato de fazer parte de um grupo que defende uma dada conquista não é impeditivo para que me oponha as opiniões de outros indivíduos que, embora façam parte desse grupo, defendam outras bandeiras ou mesmo outros métodos. Além disso, precisamos pensar que esta união é contextual e que, portanto não precisa ser “eterna”. Podemos, seja pelo sucesso da conquista, pela perda das condições que nos fazem pertencer ao grupo, ou por outras razões, deixarmos de fazer parte desse grupo.

É pensando nessas questões dentro do curso de Arquivologia que eu sugiro uma atenção especial dos alunos (não somente deles) para o processo eleitoral do Diretório Acadêmico. Em que pese às diferenças que cada um dos alunos possui sobre uma infinidade de questões, é primordial que consigam focar naquilo que é ou pode ser comum para o grupo. Isso não é um casamento eterno. É parte legítima do exercício do poder. Ninguém estará necessariamente se prostituindo por fazer parte, temporariamente, de um grupo que tem na sua origem a busca da conquista de interesses coletivos. É dessa lógica que surgem os grupos políticos os mais diversos.

Buscando contribuir para uma maior participação dos alunos no processo eleitoral em curso para o Diretório Acadêmico, precisamos partir de alguns pressupostos, como por exemplo, o fato de que a política não é um “ET”. Ou seja, é o produto da nossa própria existência coletiva, com todas as contradições, com todos os seus reflexos positivos e negativos, como uma educação de qualidade para uns e não para todos; saúde para uns e não para outros, liberdade de crença religiosa; aborto ou não; casamento homossexual ou não.

Apesar dessa defesa escancarada para que se participe das decisões que implicam diretamente ou indiretamente de nossas vidas, isso não quer dizer que nós não possamos não querer participar. Essa é também uma outra possibilidade. Mas nesse caso, a opção deve ter a consciência das conseqüências desta opção que, vista muitas das vezes como um ato de protesto ou de “neutralidade”, não deixa de ser uma escolha!!! Ao “não escolher” estamos permitindo que outros escolham em nosso



nome. Estamos transferindo para os outros, cujos interesses não conhecemos o direito de decidir por nós.

Essa opção tem como uma de suas bases o fato de a política ser vista como uma atividade exercida por corruptos ou pelo menos por pessoas não aptas. Isso é não apenas uma visão equivocada, mas também etnocêntrica e muito perigosa, afinal, como buscamos demonstrar, o fato de serem os “políticos” não aptos é, em grande medida, nossa responsabilidade, pois não só podemos ter escolhido errado o nosso representante, como também podemos ter permitido, ao não escolhermos, que outros o fizessem por nós.

Diria ainda que essa situação terá poucas alterações se, as pessoas que como nós, nos julgamos “aptas” ou “não corruptas” nos mantivermos longe desses espaços decisórios.

Se o nosso entendimento é o de que todos os candidatos são “inaptos”, devemos nos perguntar se essa nossa visão não se estende também para outros seguimentos, como os profissionais ou estudantis, afinal esses “políticos” são indivíduos que compõem a nossa sociedade. Se os julgamos todos inaptos a tal nível, a consequência disso pode ser a de que julgamos “inaptos” toda a sociedade, incluindo a nós mesmos.

Por isso, se não participar / escolher / votar é uma prática comum da maioria, decorrente da visão sobre serem os “políticos” todos inaptos, não me parece difícil perceber que a minoria que constitui esse universo dos “políticos” conquista, pela aparente não participação da maioria, o direito de decidirem pelo todo. Sendo assim, se julgamos que as coisas não andam da maneira como gostaríamos, a melhor (e em alguns casos a única) maneira de contribuirmos para as mudanças dessa lógica, seja assumindo a condição de sujeito político, ou seja, deixando de ser um “político ingênuo” para a condição de cidadão consciente. Então, não apareça apenas para “criticar” o que os outros fizeram, venha desde já contribuir para o processo de construção.

*Professor Flávio Leal
Prof.a do DEPA/CCH/UNIRIO

IV CONGRESSO NACIONAL DE ARQUIVOLOGIA

**Marcelo Kosawa de Siqueira*

O IV CNA realizou-se em Vitória, Espírito Santo, sendo o principal encontro de arquivistas no cenário nacional, acontecendo sempre a cada dois anos. Muitos arquivistas de diferentes instituições estiveram presentes para debater variados assuntos pertinentes aos dias atuais. O tema central deste Congresso foi como trabalhar com o Acesso à Informação dos documentos, como este foco está sendo tratado nas políticas internas dos órgãos públicos brasileiros e como a sociedade está participando como sujeito atuante neste processo. Entretanto, o grande diferencial dos CNAs é justamente ser um local de encontro para outras discussões paralelas igualmente importantes, tornando este evento rico em elucidações acadêmicas e idéias.

As palestras que ocorreram sempre estiveram com um bom público e foi um grande sucesso de organização, na qual parabenizo os docentes e discente da UFES que tiveram muita competência no planejamento deste trabalho. A abertura ocorreu na terça-feira (19/10/2010) numa cerimônia no Palácio Anchieta, sede do poder executivo do Espírito Santo, com a presença de autoridades políticas e de muitos arquivistas de várias partes do país, demonstrando a grandeza deste evento. No dia seguinte, houve a palestra inaugural, já em outro local que abrigou o restante do evento, com Jaime Antunes (diretor do Arquivo Nacional), Carlos Blaya (UFES) e José Maria Jardim (UNIRIO). Eles retratavam as velhas e novas políticas existentes no Brasil relativas ao acesso das informações consideradas de caráter público pela sociedade em geral e como o embate envolvendo interesses pessoais em detrimento do interesse público interfere na aplicação das leis relativas ao tema, o que tornam estas leis ambíguas e insuficientemente claras.

Nos dois dias seguintes, outros temas e reuniões aconteceram nos diferentes salões do Congresso. Discussões sobre os avanços da Paleografia, o projeto do Memórias Reveladas, a liberação gradual dos arquivos da Ditadura Militar, análises sobre o trato e preservação da informação em diferentes suportes documentais, reflexões sobre variados tipos de arquivo, como os Arquivos Médicos (palestra muito elogiada pelos alunos), além de outros temas importantes também ocorreram, sempre com uma boa presença de público.

A participação estudantil no Congresso também merece destaque. A UFES, como anfitriã, mobilizou-se de uma forma bastante competente e muitos discentes trabalharam no evento. Vários alunos da UFBA estiveram por lá, a UFAM foi representada por mais de 20 alunos, a Universidade de Santa Maria mandou mais de 50 e a UNIRIO... apenas 12. Infelizmente, poucos alunos compareceram ao evento pelas mais diversas razões, seja por falta de dinheiro ou pela falta de conhecimento do Congresso. Estes 12 alunos representaram o Rio de Janeiro, isto por que a UFF não teve nenhum aluno em Vitória. Éramos poucos, porém estivemos lá, presentes, participando das palestras, ouvindo as ideias de diferentes profissionais brasileiros e estrangeiros e, principalmente, conversando e mantendo contato com outros estudantes dos cursos de Arquivologia do Brasil. Mais do que um evento acadêmico,

o Congresso adquire este caráter de união dos estudantes, visando uma aproximação deste corpo e a troca de ideias para a formação de uma Arquivologia cada vez mais forte.

Portanto, o evento foi muito maior do que palestras boas com participação de renomes importantes, como Armando Malheiro. Foi um Congresso que nos deu oportunidade de conhecer uma cidade muito interessante e conhecer novas pessoas, novas amizades e, sem medo de falar, novas festas. E isto, me perdoem, não consigo descrever.

* Marcelo Kosawa de Siqueira
3º período de Arquivologia – UNIRIO

PREPAREM AS PIPOCAS ,PORQUE O RECINE CHEGOU PARA FICAR!

**Por Rosale Mattos*

O Festival Internacional de Filmes de Arquivo - RECINE, do Arquivo Nacional - AN, promovido todos os anos a partir de 2002, foi criado no calor das discussões para onde iriam os filmes afetados pela maresia e o trânsito intenso próximos ao Museu de Arte Moderna – MAM, antigo custodiador desses documentos. Naquela oportunidade, houve o recolhimento de parte dos documentos filmográficos que estavam depositados no MAM para o AN, procurando salvaguardar e preservar o patrimônio e o acervo filmográfico brasileiro. Desde então, acontece o RECINE, sob a batuta de Clovis Molinari Jr., entre os meses de agosto a outubro de cada ano, que passou a se constituir num evento emblemático da área cinematográfica aliada a área arquivística no Rio de Janeiro. Desta forma, divulgando a cultura, a arte e os assuntos que envolvem os arquivos de filmes, e facilitando a inserção de novos talentos (inclusive alunos) através das Oficinas de Vídeo, com posterior Mostra Competitiva de Filmes do RECINE, que se utilizam do acervo na produção de novos filmes e documentos, e que neste ano conta com 11(onze) curtas-metragens. Ao longo deste período, que este ano completa nove anos de existência, o RECINE vem se notabilizando na divulgação de temas que levam às salas da instituição desde pesquisadores até o cidadão comum, sociabilizando o arquivo, todos em busca dos debates, palestras, informações, exposições e mostras de filmes produzidos no Brasil.

Nesta trajetória do RECINE faremos um breve relato: O RECINE de 2002 tratou dos problemas relativos à preservação dos filmes e documentos audiovisuais; de 2003, sobre os filmes que tiveram cortes pela censura no período ditatorial militar brasileiro; o de 2004 apresentou o tema sobre as Revoluções, no qual os movimentos políticos da segunda metade do século XX foram refletidos em seus sucessos e fracassos; em 2005 foi a mostra sobre os 55 anos da TV Mundial, discutindo novamente as questões que envolvem a preservação dos filmes; em 2006, sobre as linguagens e as vanguardas no cinema, produzindo novas relações estéticas e de discurso com o cinema. Já em 2007 surgiu com o tema a Imprensa e o Cinema, demonstrando as intrincadas formas do poder se mostrar ou ser mostrado nas telas dos cines-jornais, com informações políticas, sociais e culturais diversas; em 2008, em comemoração ao aniversário do sucesso empreendido na Copa de 1958, na qual o Brasil foi vencedor, apresentou-se no festival o cinema associado com uma das paixões nacionais, o futebol; em 2009 foi a vez de o festival relatar as façanhas do rádio, levando estrelas, cantores, cantoras e comediantes do rádio da sua época áurea, entre 1930 a 1950 para as telas do cinema, tais como as “Cantoras do Rádio” , de Braguinha; em 2010 está sendo a vez de impressionar nossas lembranças e afinidades musicais com a Música Popular Brasileira – MPB.

No RECINE deste ano, Movimentos da Música Brasileira no Cinema traz tanto as lembranças mais recônditas dos nossos avós e amigos mais velhos, que tiveram o prazer de assistir a filmes de cinema de rua, nos quais os pianistas embalavam as sessões de cinema com suas músicas ao vivo, dando ênfase às cenas românticas, de dramas e comédias, quanto aos estilos musicais do jovem das comunidades mais pobres e da zona sul do Rio de Janeiro. Para os que se interessarem na área arquivística, as músicas são elementos descritivos importantes, tendo os filmes como documentos, podendo realçar e reforçar cenas, planos e significados da composição dos filmes e audiovisuais.

Neste festival, apresentaram-se os diversos movimentos musicais no Brasil através das telas do cinema, desde figuras emblemáticas do samba, como Heitor dos Prazeres, Cartola, entre outros, da Atlântida, como os musicais do período da “Chanchada” na década de 1950, encenados por cantores, atores do porte de Oscarito e Grande Otelo, passando pelos Novos Baianos e a Tropicália, na década de 1970, com uma Maria Bethânia e Gal Costa ainda jovens, mas sempre com seus cabelos encaracolados e soltos, as músicas de protesto de Chico Buarque de Hollanda, até aos dias atuais, com os estilos musicais do Rap e do Funk no Rio por meio dos filmes.



Portanto, nas salas de projeção distribuídas pelo Arquivo Nacional atenderam a todos os gostos, sabores e humores.

Não se pode deixar de destacar a Revista do RECINE deste ano, intitulada “**Luz, Câmera: a música brasileira**” dando-se a palavra para jornalistas e pesquisadores da MPB, como José Ramos Tinhorão, Henrique Cazes, Roberto Frejat no que diz respeito ao rock brasileiro dos anos 80, e Sérgio Cabral, que analisou os primórdios da Música no Brasil desde o séc. XVI até os dias atuais. O jornalista pontuou as influências musicais brasileiras, do Lundu, na África, da Polca na Europa, refletindo e revelando as fortes influências musicais na criação do Maxixe e do Samba brasileiros; a origem da palavra samba, contando a história do “**Pelo Telefone**”, considerado o primeiro samba, e ainda a história das classes menos favorecidas que foram obtendo uma certa ascensão social através da criação de músicas para as agremiações carnavalescas do início do séc. XX.

E aí, pessoal! Vamos comer pipocas e assistir aos filmes brasileiros no próximo RECINE?!

Fonte: <http://www.recine.com.br/2010/home.php>

*Rosale de Mattos Souza
Prof.a do DEPA/CCH/UNIRIO

XXI JORNADA ARQUISTICA

**Por Flora Sineiro*

A XXI edição da Jornada arquivística da UNIRO de 2010 contou com a presença de muitas personalidades marcantes no meio arquivístico como Prof José Pedro Esposel. No primeiro dia, após a abertura, o Prof Jardim palestrou a trajetória da implementação de um mestrado em arquivologia na UNIRIO. Ainda tivemos a possibilidade de conhecer as pesquisas que estão sendo feitas na nossa área. Como do diretor do Arquivo do CLA-UFRJ Wagner Ridolphi sobre o perfil dos estudante de arquivologia em 2010 pode comparar o resultado pois essas pesquisa já havia sido feita anteriormente, e um fato contatado interessante é o de que os alunos afirmam (em sua maioria) a opção de inserção no curso não é mais pela relação de candidato vaga mais sim por conta das boas oportunidades do mercado de estágio e ou trabalho. Entre outras apresentações. No segundo dia Marcelo Siqueira do AN comentou o simpósio de Memórias da ditadura e nos trouxe um grande apanhado da visão de um arquivista atuante na área sobre o assunto. Logo após o arquivista da Eletrobrás Daniel Betran veio comentar o II Encontro Nacional de Documentos do Setor Elétrico e II Encontro Nacional de Arquivos do Setor Financeiro um tema em grande crescimento na área. A arquivista Brenda Rocco AN comentou o projeto Interpares que o Brasil começou a participar na 3ª edição (Interpares 3). Após a Brenda Rocco professores da UNIRIO com Flavio Leal e o professor Frankling e a professora Ana Carla vieram contribuir com outras apresentações finalizando a segunda e ultima noite da Jornada.

**Por Flora Sineiro*

5º período de Arquivologia – UNIRIO

CHARGE DO MÊS

**Por Bruno Ferreira*



RAPIDINHAS

NOVO CALENDÁRIO PARA AS ELEIÇÕES PARA O DACAR – PARTICIPE!

3/11 a 12 / 11 - divulgação das chapas

16/ 11 - Debate entre as chapas (terça-feira)

17/11 a 19/ 11 - Eleição (quarta a sexta)



Espaço momentaneamente vazio a
espera de sua contribuição. Não
deixe de nos enviar sua mensagem.
Este espaço é seu!



**DESEJAMOS A TODOS UM FELIZ
NATAL E UM PRÓSPERO ANO
NOVO. ATÉ 2011 !!**

Contatos

Bruno Ferreira Leite
brunofl.arquivo@gmail.com
Flora Sineiro de Souza
florasineiro@bol.com.br